Nau Literária
crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526
http://seer.ufrgs.br/nauliteraria
Vol. 15 N. 01 2019
Literatura

Quem restitui não só a vida, mas tudo o que lhes foi tirado?

Who restitutes not only life, but everything that was taken from them?

Beatriz Helena Souza da Cruz

Resumo: A partir do relato *É isto um homem?* (1947), de Primo Levi, buscou-se lidar com a pergunta/título em diálogo com obras literárias de diferentes momentos. Exploram-se a *Odisséia*, de Homero; *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago e "Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya", de Jorge de Sena, por conterem, respectivamente, ensinamentos sobre o comportamento humano, experiências de confinamento e reflexões sobre o legado aos filhos, passando por uma espécie de levantamento de desumanidades cometidas ao longo da nossa história. Entende-se então o relato de Levi como uma busca por restituir humanidade aos que perderam a vida.

Palavras-chave: Humanidade; Literatura; Primo Levi; Jorge de Sena; Memória.

Abstract: From the narrative *If this is a man?* (1947), by Primo Levi, it was attempted to deal with the question/title dialoguing with literary works of different moments. Homer's *Odyssey*; Ensaio sobre a cegueira, from José Saramago and "Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya" from Jorge de Sena, are explored, because they contain, respectively, teachings on human behavior, experiences of confinement and reflections on the legacy to the offspring, going through a sort of survey of the inhumanities committed throughout our history. Levi's account is hence understood as a quest to restore humanity to those who lost their lives.

Keywords: Humanity; Freedom; Primo Levi; Jorge de Sena; Memory.

> Eu sou eu mesmo a minha pátria. A pátria
> de que escrevo é a língua que por acaso de gerações
> nasci. E a do que faço e de que vivo é esta
> raiva que tenho de pouca humanidade neste mundo
> quando não acredito em outro, e só outro quereria que
> este mesmo fosse.
> **Jorge de Sena**

Contendo dezoito capítulos e publicado em 1947, *É isto um homem*? foi o primeiro de muitos relatos que Primo Levi nos legou, após ter sobrevivido ao aprisionamento em Auschwitz. A primeira lição surgida da leitura é a seguinte: a afirmação de que o homem não é uma realidade pelo fato de nascimento é um subtexto, que pode ser inferido e que é

invocado sempre que nos depararmos com relatos do holocausto. Violou-se todo o ordenamento do que realize a condição humana naqueles eventos, e isso deveria interessar a todos.

As definições sobre o ser humano passam pelo entendimento de sua condição de animal mortal, assim como os demais que habitam este planeta, de modo que podemos começar por esta definição, fornecida por Hannah Arendt, a seguir:

> A mortalidade dos homens reside no fato de que a vida individual, com uma história vital identificada desde o nascimento até a morte, advém da vida biológica. Essa vida individual difere de todas as outras coisas pelo curso retilíneo do seu movimento que, por assim dizer, intercepta o movimento circular da vida biológica. É isto a mortalidade: mover-se ao longo de uma linha reta num universo em que tudo o que se move o faz num sentido cíclico. (ARENDT, 2007, p. 27)

Um homem é, a partir de uma vida biológica, alguém em que há, entre outros elementos, lembranças da Literatura, e portanto, um descendente de Odisseu. Neste sentido, um ser capaz de apreciar o pôr do sol, de oferecer hospitalidade[1], de apreciar o alimento e as belezas das artes, sobretudo alguém capaz de preparar e velar respeitosamente os seus mortos. O oposto disso, na mesma *Odisséia*, são os homens metamorfoseados em animais na ilha de Eana, lar de Circe[2], ou seja, meramente a existência de um corpo físico que respira, busca alimentos e produz secreções, no qual não há consciência.

Sendo assim, é muito duro tomar conhecimento dessa obra e participar dela como leitor; talvez mais ainda quando percebemos um cuidado de gentileza para com os leitores por parte de quem relata essas memórias; leitores que nunca poderão realmente saber o que foi estar num campo de concentração nazista sendo um judeu. Um cuidado, entretanto, que não disfarça a dimensão do que aconteceu, já que o "isto" da pergunta que dá nome ao livro é um pronome demonstrativo, através do qual nos referimos a coisas e não às pessoas.

O que os judeus sofreram não é, de forma alguma, passível de ser comparado a uma metamorfose. O trato habitualmente dispensado a animais seria uma atitude ainda humana em face do regime nazista, visto que aqueles prisioneiros foram tratados com o mais absoluto desrespeito e com requintes de crueldade, desde a supressão de suas liberdades até os detalhes mais básicos da vida, como exposto no trecho abaixo:

---

1 "Hóspede amigo, salve; o que precisas,/ Depois do teu repasto o saberemos". (Canto I – 99 – 100, 1996, p. 68)

2 No Canto X da *Odisséia*.

> Por exemplo: com toda aquela sede, vi, do lado de fora da janela, ao alcance da mão, um bonito caramelo de gelo. Abro a janela, quebro o caramelo, mas logo adianta-se um grandalhão que está dando voltas lá fora e o arranca brutalmente da minha mão. – *Warum*? – pergunto, em meu pobre alemão. – Hier ist kein Warum – (aqui não existe "por quê"), responde, empurrando-me para trás.
> A explicação é repugnante, porém simples: neste lugar tudo é proibido, não por motivos inexplicáveis e sim porque o Campo foi criado para isso. Se quisermos viver aqui, teremos de aprendê-lo bem depressa: "*Qui non ha luogo il Santo Volto,/ qui si nuota altrimenti che nel Serchio*![3]". (LEVI, 1988, p. 36, 37)

Observe-se que há referências à literatura, sobretudo como recurso para demonstrar a gravidade da ruptura com a civilidade, e é o próprio Levi quem mantém este entendimento de pertencimento à humanidade e a todo o seu percurso, de modo que vemos menções à *Divina Comédia*[4], a Jack London[5], por exemplo, no decorrer da obra. Isso acabou por inspirar-nos a buscar diálogos e reflexões entre essa peça em que "nenhum dos episódios foi fruto da imaginação." (LEVI, 1988, p. 8), e obras como a *Odisséia*, de Homero; *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago e o poema de Jorge de Sena.

Como Odisseu, que se obriga a ouvir o canto das sereias[6], com a providência de se fazer amarrar para não sucumbir, nós também precisamos ser expostos a esses relatos, ainda que seja para impedir que se realize o sonho que atormentava Levi, que trazemos abaixo:

> Aqui está minha irmã, e algum amigo (qual?), e muitas outras pessoas. Todos me escutam, enquanto conto do apito em três notas, da cama dura, do vizinho que gostaria de empurrar para o lado, mas tenho medo de acordá-lo porque é mais forte do que eu. Conto também a história da nossa fome, e do controle dos piolhos, e do *Kapo* que me deu um soco no nariz e logo mandou que me lavasse porque sangrava. É uma felicidade interna, física, inefável, estar em minha casa, entre pessoas amigas, e ter tanta coisa para contar, mas bem me apercebo de que eles não me escutam. Parecem indiferentes; falam entre si de outras coisas, como se eu não estivesse. Minha irmã olha para mim, levanta, vai embora em silêncio. (LEVI, 1988, p. 85)

É isto um homem? poderia ser lido como um apelo ou como um alerta apocalíptico, na medida em que tomar ciência do que foi feito, observar como a condição humana pôde ser suspensa daquela forma, nos prepara para reconhecer os sinais e impedir que a história se repita. A história recente demonstra, por outro lado, que o dever de casa pode não ter sido

---

[3] "O Rosto Santo não tens mais à frente/ Já não estás no séquio aqui nadando!" Ou seja: "Aqui não é como nadar no riozinho da aldeia!" (N. Do T.) (ALIGHIERI, 1996, p. 37).

[4] "Ai de vós, almas danadas!" p. 24;

[5] "Lembra-me os cachorros de trenós dos livros de London, que fazem força até o último alento e caem mortos na trilha." P. 58

[6] Canto XII da *Odisséia*."(...) Das sereias/ Evitar nos ordena o flóreo prado/ E a voz divina; a mim concede ouví-las,/ Mas ao longo do mastro em rijas cordas,/ E se pedir me desateis, vós outros/ De pés e mãos ligai-me com mais força." (ALIGHIERI, 1996, p. 224)

realizado, no momento em que pensamos no apelo construído em poema por Jorge de Sena, que trazemos abaixo:

CARTA A MEUS FILHOS SOBRE OS FUZILAMENTOS DE GOYA

Não sei, meus filhos, que mundo será o vosso.
É possível, porque tudo é possível, que ele seja
aquele que eu desejo para vós. Um simples mundo,
onde tudo tenha apenas a dificuldade que advém
de nada haver que não seja simples e natural.
Um mundo em que tudo seja permitido,
conforme o vosso gosto, o vosso anseio, o vosso prazer,
o vosso respeito pelos outros, o respeito dos outros por vós.
E é possível que não seja isto, nem seja sequer isto
o que vos interesse para viver. Tudo é possível,
ainda quando lutemos, como devemos lutar,
por quanto nos pareça a liberdade e a justiça,
ou mais que qualquer delas uma fiel
dedicação à honra de estar vivo.

(...)

Acreditai que nenhum mundo, que nada nem ninguém
vale mais que uma vida ou a alegria de tê-la.
É isto o que mais importa - essa alegria.
Acreditai que a dignidade em que hão-de falar-vos tanto
não é senão essa alegria que vem
de estar-se vivo e sabendo que nenhuma vez
alguém está menos vivo ou sofre ou morre
para que um só de vós resista um pouco mais
à morte que é de todos e virá.
Que tudo isto sabereis serenamente,
sem culpas a ninguém, sem terror, sem ambição,
e sobretudo sem desapego ou indiferença,
ardentemente espero. Tanto sangue,
tanta dor, tanta angústia, um dia
- mesmo que o tédio de um mundo feliz vos persiga -
não hão-de ser em vão. Confesso que
muitas vezes, pensando no horror de tantos séculos
de opressão e crueldade, hesito por momentos
e uma amargura me submerge inconsolável.
Serão ou não em vão? Mas, mesmo que o não sejam,
quem ressuscita esses milhões, quem restitui
não só a vida, mas tudo o que lhes foi tirado?
Nenhum Juízo Final, meus filhos, pode dar-lhes
aquele instante que não viveram, aquele objeto
que não fruíram, aquele gesto
de amor, que fariam «amanhã».
E, por isso, o mesmo mundo que criemos
nos cumpre tê-lo com cuidado, como coisa
que não é nossa, que nos é cedida
para a guardarmos respeitosamente
em memória do sangue que nos corre nas veias,
da nossa carne que foi outra, do amor que
outros não amaram porque lho roubaram.

Lisboa, 25/6/1959 (SENA, 1978, p. 127,128)

Jorge de Sena[7] esteve entre nós de 1919 a 1978. Português, naturalizado brasileiro em 1963, foi ensaísta, tradutor, crítico literário, professor e estudioso da literatura. Entre sua obra poética encontra-se um volume em que os poemas dialogam com obras de arte, como esculturas e pinturas. Em *Metamorfose*, de 1963, o décimo sétimo poema num conjunto de vinte é "Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya", inspirado na pintura "Três de Maio de 1808 em Madrid", finalizada em 1814 por Francisco de Goya, que se encontra no Museu do Prado em Madrid. A este poeta pertencem também os versos da nossa epígrafe.

"Tanto sangue,/ tanta dor, tanta angústia," são versos dum poema em que se deseja um mundo melhor para legar aos filhos, enquanto se procede uma espécie de inventário, nos conduzindo ao entendimento de que atos desumanos perpetrados em desigualdade de condições espalham-se pela história da humanidade. No entanto, conforme Agambem:

> No decorrer do século XX, pôde-se assistir a um fenômeno paradoxal que foi bem definido como uma "guerra civil legal" (Schnur, 1983). Tome-se o caso do Estado nazista. Logo que tomou o poder (...), Hitler promulgou, no dia 28 de fevereiro, o Decreto para a proteção do povo e do Estado, que suspendia os artigos da Constituição de Weimar relativos às liberdades individuais. (AGAMBEM, 2004, p. 12)

É preciso apreender ou demarcar a diferença entre gestos humanos e gestos realizados por humanos, porque as diferenças não são poucas e nem sutis. Neste relato, sobejam as ações industriadas por nascidos humanos que se afastaram desta condição, ao ponto de poderem atuar "com a pacata segurança de quem apenas cumpre com sua tarefa diária." (LEVI, 1988, p. 21) de que nos fala o italiano, cuja escrita demonstra um grande espanto dentro daquela situação. Um espanto para o qual, por vezes, não há palavras.

Temos aquilo que, adiante, Arendt classificará como banalidade do mal, que aparecerá em diversos momentos deste relato, como no seguinte trecho, no qual é descrito o primeiro contato com o campo:

> Alguém traduziu: devíamos desembarcar e depositar a bagagem no chão, ao lado do trem. (...) Uma dúzia de SS estava à parte, com ar indiferente, plantados de pernas abertas, mas logo meteram-se entre nós e, em voz baixa, com rostos impassíveis, começaram a nos interrogar, uma um, em mau italiano. (...)Tudo era silêncio, como num aquário e como em certas cenas de sonhos. Teríamos esperado algo mais apocalíptico, mas eles pareciam simples guardas. Isso deixava-nos desconcertados, desarmados. (LEVI, 1988, p. 21)

[7] Jorge de Sena é nosso objeto de estudos, na dissertação "Trabalhadores do Século XX em poemas de Jorge de Sena" (UFF,2013) e na tese de doutoramento na UFRJ "Sena do mundo", em que tematiza-se seus ensaios.

Esta chegada, assim como diversos momentos da permanência no campo e mesmo após a derrota dos nazistas, é expressão viva do tipo de regime que Giorgio Agambem se propõe a explorar em sua obra *Estado de exceção*, ou seja, "(...) essa terra de ninguém, entre o direito público e o fato político e entre a ordem jurídica e a vida" (AGAMBEM, 2004, p. 12).

A certa altura, Levi relata ter recebido uma lição, que consideramos fundamental resgatar nestes tempos que correm, em que uma quantidade imensa de pessoas foram lançadas à condição de refugiados, pois responde a parte da pergunta que é o título de seus relatos. Chegou a ele de um húngaro, condecorado na Primeira Guerra Mundial, e foi registrada da seguinte forma:

> (...) justamente porque o Campo é uma grande engrenagem para nos transformar em animais, não devemos nos transformar em animais; até num lugar como este, pode-se sobreviver, para relatar a verdade, para dar nosso depoimento; e, para viver, é essencial esforçar-nos por salvar ao menos a estrutura, a forma da civilização. Sim, somos escravos, despojados de qualquer direito, expostos a qualquer injúria, destinados a uma morte quase certa, mas ainda nos resta uma opção. Devemos nos esforçar por defendê-la a todo custo, justamente porque é a última: a opção de recusar nosso consentimento. (LEVI, 1988, p. 55)

Um homem deve se recusar à aniquilação de sua humanidade, mesmo em face do confinamento. Esta pode ser umas das razões porque é tão importante manter memória deste capítulo infame da nossa história, visto que há que se refletir sobre para quem seria endereçada a pergunta que nomeia *É isto um homem?*: aos judeus destituídos da condição humana por parte do regime nazista ou aos pertencentes ao regime que infligiram tal destituição aos judeus?

É claro que o lugar deste relato é o do aprisionado, em primeira pessoa, visto que não se trata de uma ficção na qual se possa construir um narrador interno à escolha do escritor dum romance. Em que pese o fato de ser uma obra pertencente ao registro literário, graças ao intervalo entre a mente que elabora e o leitor que acessa a obra, no qual trabalha-se a forma de contar, trata-se de um relato de fatos vivenciados por um judeu em 1943/44, num campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Não é um relato do Campo, mas do confinado em face de outros condenados, inclusive não judeus.

Uma obra em que podemos procurar o outro lado do regime, ou seja, dos serviçais do nazismo poderia ser *Eichmann em Jerusalém*, o conjunto de reportagens, posteriormente reunido em volume, no qual Hannah Arendt apresenta a cobertura do julgamento de Otto

Adolf Eichmann (1906 – 1962), fornecendo um panorama de Auschwitz tal qual nos apresenta, de dentro, Levi. O trecho é o seguinte:

> (...) o maior e mais famoso dos campos de extermínio, que cobria uma área de trinta quilômetros quadrados na Alta Silésia e não era de forma nenhuma apenas um campo de extermínio; era um imenso empreendimento com mais de 100 mil prisioneiros, de todos os tipos, inclusive não-judeus e trabalhadores escravos, que não estavam sujeitos ao gás. (ARENDT, 1999, p. 105)

Foi na cobertura desse julgamento que a filósofa judia expôs, de forma sistemática, essa atuação dos SS como funcionários públicos, lidando com a administração de um problema. Não monstros ou aberrações, mas burocratas comuns[8], numa atuação em que o trabalho de despersonalização perpetrado era completado, como vemos no trecho abaixo:

> Não há espelhos, mas a nossa imagem está aí na nossa frente, refletida em cem rostos pálidos, em cem bonecos sórdidos e miseráveis. Estamos transformados em fantasmas como os que vimos ontem à noite.
> Pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem. (LEVI, 1988, p. 32)

Passada a primeira década do século XXI, em que completaram-se os primeiros setenta anos desde o fim da Segunda Guerra Mundial, insistimos em pensar na literatura enquanto aquilo que, sendo arte, pode conter a salvação do que seja humano na humanidade, com a ajuda de romancistas como José Saramago (1922 – 2010), também português, sobre quem temos o seguinte:

> É justamente nesse momento que nos deparamos com o *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, um romance que se quer ensaio, uma espécie de alegoria finissecular, uma teoria implícita que se ilustra pela narração, uma parábola cruel da cegueira que a humanidade ensaia há longo tempo, sem se dar conta disso: "Cegos que, vendo, não vêem", como dizem dois personagens, ao fim do romance. (SILVA in BERRINI, 1999, p. 288)

Publicado em 1995, *Ensaio sobre a cegueira* é um romance em que alguma despersonalização ocorre já na estratégia de não nomear as personagens, mas referir-se a elas pela função ou profissão, oferecendo como personagens o primeiro cego, o médico, a mulher do médico, o ladrão e etc. No entanto, o que nos fez trazê-lo a este texto é o confinamento imposto àqueles que vão ficando cegos, dentro do qual a civilidade é substituída pela

[8] "(...) Adolf Eichmann, filho de Karl Adolf Eichmann, aquele homem dentro da cabine de vidro construída para sua proteção: altura mediana, magro, meia-idade, quase calvo, dentes tortos e olhos míopes, (...) Em juízo estão seus feitos, não o sofrimento dos judeus, nem o povo alemão, nem a humanidade, nem mesmo o anti-semitismo e o racismo." (ARENDT, 1999, p. 15)

brutalidade. Ainda assim, a despeito das consequências daquela cegueira e daquele confinamento, existe alguma esperança; conforme afirma Teresa Cerdeira:

> Com efeito esse *Ensaio sobre a cegueira* pode ser lido inversamente como um ensaio sobre a visão. Esses cegos chegaram ao fundo do poço de onde puderam ver surgir suas fraquezas, sua arrogância, sua intolerância, sua impaciência, sua violência, a monstruosidade dos universos contraditórios. Mas assistiram também à sua própria força, à solidariedade, à generosidade, ao seu espírito revolucionário e à revisão de seus próprios preconceitos. (SILVA in BERRINI, 1999, p. 294)

Ocorre que, Levi oferece um relato e não uma alegoria. Deste modo, as absurdas situações que vão sendo apresentadas no romance português podem ser acessadas quando evocamos a suspensão de descrença proposta por Coleridge, mas, os relatos do sobrevivente Levi, ainda que numa obra com trato literário, são dolorosos de ler porque foram vividos. Não há fuga para isto. Como nos pergunta o poeta, "Quem restitui não só a vida, mas tudo o que lhes foi tirado?" (SENA, 1978, p. 128).

Neste sentido é que recorremos à poesia, pensando em "Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya", surgido em 1959, como um espaço de reflexão entre o passado e o futuro da humanidade. Dito de outro modo, entre um passado histórico repleto de injustiças, sangue e destruição, e um futuro de incertezas, num mundo regulado pelas necessidades do poder, que hoje ainda está sob ameaça, como que a realizar a máxima de Marx, segundo a qual "Tudo o que era sólido se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado (...)" ENGELS; MARX, 1987, p. 79), e a mesma humanidade que contém os inimigos é detentora da condição de impedir o desastre.

Mencionamos que é pertinente à nossa humanidade o respeito aos mortos, bem como o devido ritual de despedida, de que é exemplar o episódio em que o Rei Príamo implora ao guerreiro Aquiles pelo corpo do filho Heitor, na *Ilíada*. Neste particular, também foi demonstrada à exaustão a iniquidade dos funcionários a serviço do regime. Como observa Hannah Arendt: "Faz parte dos refinamentos dos governos totalitários de nosso século que eles não permitam que seus oponentes morram a morte grandiosa, dramática dos mártires. O Estado totalitário deixa seus oponentes desaparecerem em silencioso anonimato (ARENDT, 1999, p. 253)"

Outro comportamento que nos distingue é a capacidade de produzir e transmitir conhecimentos. Assim, encontramos no relato de Levi um capítulo intitulado "O canto de Ulisses", o décimo segundo num total de dezoito, no qual o narrador utiliza-se de um canto da

Divina Comédia para ensinar italiano a um jovem alsaciano. O tradutor nos informa em nota tratar-se do canto XXVI, no qual Ulisses conta como morreu.

Nesse momento, como muitos professores pelo mundo afora, Levi se faz alguns questionamentos, porque a ação de ensinar algo a alguém move em nós o conhecimento que temos, ou que julgamos ter, bem como a nossa capacidade e competência para o cumprimento desta nobre tarefa. Vejamos: "Quem é Dante? Que é a Divina comédia? Que sensação estranha, nova, a gente experimenta ao tentar esclarecer, em poucas palavras, o que é a divina Comédia. Como está organizado o Inferno. O que é o "contrapeso", que liga a pena à culpa. Virgílio é a razão. Beatriz, a Teologia." (LEVI, 1988, p. 165).

Adiante, serão citados os seguintes versos da obra de Dante: "*Considerate la vostra semenza:/ Fatti non foste a viver come brutti,/ ma per seguir virtude e conoscenza*.[9]", aos quais segue-se o comentário em que se expressa pasmo diante da obra de arte, por meio da afirmação: "É como se eu também ouvisse isso pela primeira vez (...) Por um momento, esqueci quem sou e onde estou." (Idem, p. 167)

Lembremo-nos de que Primo Levi era químico, não tendo portanto um conhecimento literário de especialista, mas sim o de um italiano que teve acesso à obra magna de seu idioma quando ainda era um cidadão, exercendo sua atividade profissional, usufruindo de sua vida, da qual foi roubado para nunca mais voltar, mesmo após a libertação do campo.

A esta altura, é justo afirmar que a única resposta possível para o questionamento expresso nos versos de Jorge de Sena é o não, contido nos versos seguintes à pergunta. Entretanto, tal como o poeta, acreditamos que é fundamental que sejam renovados os compromissos com a vida, com a humanidade.

No *Ensaio sobre a cegueira*, após o brutal episódio da violação das mulheres em troca dos alimentos, resultando, além de tudo, em uma morta, segue-se uma cena de limpeza e purificação da falecida. Mesmo ali, o modo com que interagem com a morte de alguém é um gesto revelador de humanidade, do compromisso com a memória daqueles cuja vida fora usurpada; um gesto que visa restituir a condição humana da falecida e deste grupo de companheiros de confinamento, no trecho a seguir:

> E agora que fazemos, vamos deixá-la aqui, Não podemos enterrá-la na rua, não temos com que levantar as pedras, disse o médico, Há o quintal, Será preciso subi-la até ao segundo andar e

[9] "Relembrai vossa origem, vossa essência;/ vós não fostes criados para bichos,/ e sim para o valor e a experiência."

> depois descê-la pela escada de salvação, É a única forma, Teremos forças para tanto, perguntou a rapariga dos óculos escuros, A questão não é se teremos ou não teremos forças, a questão é se iremos permitir-nos a nós próprios deixar aqui esta mulher, Isso não, disse o médico, Então as forças hão-de arranjar-se. (SARAMAGO, 2008, p. 285)

Especulamos sobre a possível dualidade da aplicação da pergunta sobre ser um homem, que poderia se dirigir aos judeus aprisionados, mas também àqueles que perpetraram tal aprisionamento, porque mesmo entendendo de que lugar parte o relato de Levi, bem como que rememorar represente uma tentativa de impedir o apagamento daquelas pessoas planejado pelos nazistas, fica demonstrado neste livro que todos os envolvidos na administração daquela máquina de destruir a humanidade destruíram, antes de tudo, a sua própria. Os judeus resistiram, e por isso lemos: "Sabemos de onde viemos; as lembranças do mundo de fora povoam nossos sonhos e nossas vigílias; percebemos com assombro que não esquecemos nada; cada lembrança evocada renasce à nossa frente, dolorosamente nítida." (LEVI, 1988, p. 77)

Nas reportagens sobre o julgamento de Eichmann, logo no primeiro capítulo, Hannah Arendt traz a lembrança dum depoimento dado nos julgamentos que se seguiram imediatamente à Segunda Guerra, em Nuremberg[10], no qual podemos ler:

> Dezesseis anos antes, ainda sob o impacto dos acontecimentos, David Rousset, ex-prisioneiro de Buchenwald, descrevia o que sabemos ter acontecido em todos os campos de concentração: "O triunfo da ss exige que a vítima torturada permita ser levada à ratoeira sem protestar, que ela renuncie e se abandone a ponto de deixar de afirmar sua identidade. E não é por nada. Não é gratuitamente, nem por mero sadismo, que os homens da ss desejam sua derrota. Eles sabem que o sistema que consegue destruir suas vítimas antes que elas subam ao cadafalso... é incomparavelmente melhor para manter todo um povo em escravidão. Em submissão. Nada é mais terrível do que essas procissões de seres humanos marchando como fantoches para a morte". (ARENDT, 1999, p. 22)

De fato, no relato de Levi sobejam demonstrações de sadismo, desde as regras do Campo, até a obrigatoriedade de ficarem em pé, no frio, formados antes e depois de irem para o exaustivo dia de escravidão; a obrigatoriedade de que possuíssem colheres sem que elas fossem fornecidas aos prisioneiros, bem como a obrigatoriedade de cuidados com as peças de roupa do uniforme. Tanto no depoimento, quanto na obra memorialista, demonstram-se as ações de inumanos a tentar destruir um povo inteiro, mas de forma infame e vil, sem nenhuma relação com disputas históricas entre nações.

[10] Os julgamentos ocorreram na cidade de Nuremberg, Alemanha, entre 20 de novembro de 1945 e 1º de outubro de 1946.

A *Odisséia*, como todas as epopeias, se inicia com uma invocação das musas, para que seja cantado o herói, cujos feitos dão ensejo a que seja inscrito na história pela literatura, de modo que não se perca a memória dos seus feitos, de modo que o seu prêmio seja a permanência; mas na narrativa dos eventos hediondos de que trata Levi não pode haver musa nem canto. Aqui a memória só pode ser resistência! Contra o apagamento, contra a destruição total, pois mesmo aqueles cujos corpos não deixaram vestígio estão inscritos nesta narrativa.

No quinto capítulo, chamado Ka-Be, o narrador se encontra numa espécie de enfermaria, e primeiramente isto nos causa grande espanto – haver enfermaria e ambulatórios num Campo de Extermínio! Conjugado a isto, no entanto, encontra-se um dos trechos que nos leva a perceber a resistência do humano, sem a qual não haveriam de ter sido escritas estas memórias, que até hoje nos cumpre ler e espalhar, para que também sejamos veículos da mensagem:

> Neste Ka-Be, parêntese de relativa paz, aprendemos que a nossa personalidade corre maior perigo que a própria vida. Os antigos sábios, em vez de exortar: "Lembra-te que vais morrer", deveriam ter recordado este outro maior perigo que nos ameaça. Se, do interior do Campo, uma mensagem tivesse podido filtrar até os homens livres, deveria ter sido esta: procurem não aceitar em seus lares o que aqui nos é imposto. (LEVI, 1988, p. 76,77)

É isto um homem? é uma obra desconcertante. É, também, o poema com que se inicia o livro, em que as coisas simples da vida, como ter casa e comida quente, bem como estar perto dos entes queridos são o espaço demarcado de um homem livre, o maior tesouro almejado por aqueles que foram privados do mínimo, como beber água e poder sentar-se após dias de viagem em vagões apertados.

O livro se encerra com o capítulo intitulado "História de dez dias", no qual se narra um período de mais incertezas e completo abandono daqueles prisioneiros. Um intervalo entre a fuga dos nazistas e a chegada do Exército Vermelho que, da perspectiva dos abandonados, poderia ser apenas um caminho diferente para a morte lenta por frio, doenças ou falta de comida. Impressiona a lucidez de quem afirma: "Penso, hoje, que ninguém deveria mencionar a Divina Providência, já que existiu um Auschwitz; não há dúvida, porém, de que naquela hora passou como um vento pelo espírito de todos a lembrança das salvações bíblicas nas extremas desgraças." (LEVI, 1988, p. 231).

Neste sentido, diz Jorge de Sena: "Nenhum Juízo Final, meus filhos, pode dar-lhes/ aquele instante que não viveram, aquele objeto/ que não fruíram, aquele gesto/ de amor, que fariam «amanhã»." (SENA, 1978, p. 128), no entanto, ações que aparecem após a percepção

da falta de guardas no campo nos permitem notar que a aniquilação não fora completada, como pode-se observar no trecho abaixo:

> Ainda um dia antes, esse acontecimento seria inconcebível. A lei do Campo mandava: "Come teu pão e, se puderes, o do vizinho", e não havia lugar para a gratidão. Isso significava que o Campo estava mesmo acabado.
> Foi o primeiro gesto humano entre nós. Acho que poderíamos marcar naquele instante o começo do processo pelo qual nós, que não morremos, de *Häftlinge* voltamos a lentamente ser homens. (LEVI, 1988, p. 234)

Entre os aspectos muito impressionantes desse relato está a ausência do sentimento de vingança. Especulamos que isso decorra do entendimento de que sentimentos, quaisquer que sejam eles, pertencem à esfera do humano. Neste sentido, talvez um dos grandes temas tratados por Primo Levi, sobrevivente dum Campo de Extermínio nazista, ao qual foi confinado aos vinte e quatro anos de idade, seja, afinal o que significa ser um homem?, ao fornecer para nós a resposta:

> Uma parte de nossa existência está nas almas de quem se aproxima de nós; por isso, não é humana a experiência de quem viveu dias nos quais o homem foi apenas uma coisa ante os olhos de outro homem. Nós três ficamos em grande parte imunes a isso e por essa razão nos devemos gratidão recíproca. Minha amizade com Charles resistirá ao tempo. (LEVI, 1988, p. 253)

Respeitar os vivos, enterrar os mortos, ter compromisso com a finitude, compartilhar o conhecimento e a comida, permanecer na linhagem de Odisseu. Acima de tudo, entendemos este como o grande feito deste sobrevivente, o que também pode permitir que seja dimensionado o seu grande sofrimento, pois o sofrimento está ligado ao conhecimento, à consciência do que lhe foi imposto. Impressiona, mais ainda, a ausência de expressões de desejos vingativos, e é compreensível que tenha escolhido afirmar a vida; o que entendemos pela forma com que foi expresso por Jorge de Sena, pouco mais de uma década depois:

> E, por isso, o mesmo mundo que criemos
> nos cumpre tê-lo com cuidado, como coisa
> que não é nossa, que nos é cedida
> para a guardarmos respeitosamente
> em memória do sangue que nos corre nas veias,
> da nossa carne que foi outra, do amor que
> outros não amaram porque lho roubaram. (SENA, 1978, p. 128)

Referências

AGAMBEM, Giorgio. *Estado de exceção*. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. *Eichman em Jerusalém, um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl Heinrich. *Manifesto do Partido Comunista.* São Paulo: Global; 1987.

HOMERO. *Odisséia*. Tradução de Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Ars Poética: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MARX, Karl.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SENA, Jorge. *Poesia II*. Lisboa: Edições 70, 1978.

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. De cegos e visionários: uma alegoria finissecular na obra de José Saramago. In: BERRINI, Beatriz (Org.). *José Saramago, uma homenagem*. São Paulo: EDUC/ FAPESP, 1999.